

Justo uma Imagem

Alexandre Sá Barretto da Paixão¹

¹ Artista-pesquisador, curador, crítico de arte e psicanalista. Pós-doutorando em História pelo PPGH- UFF. Procientista/UERJ com o projeto As revistas acadêmicas de Artes Visuais. Atual diretor do Instituto de Artes e professor do PPGARTES/UERJ. Sócio da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Membro da ANPAP - Comitê de Poéticas Artísticas. Membro da Associação Nacional de História (ANPUH). E-mail: alexandresabarretto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7846-5145>. Lattes iD: lattes.cnpq.br/0137944963846547. Niterói, Brasil

Um editorial como este guarda consigo uma traição e uma incapacidade: trata-se de um volume completamente dedicado às imagens. Ou seja, optamos por reduzir ao máximo a quantidade de palavras, restando apenas as incontornáveis e as indispensáveis para as exigências de uma revista acadêmica em uma plataforma OJS. Que neste caso, são os metadados e informações protocolares.

A traição se dá pela obviedade de parecer um contrassenso escrever um editorial para uma revista composta apenas por imagens. Sim, de fato é. Mas talvez esse editorial seja intransponível por haver um debate, consideravelmente ultrapassado pela própria história da arte, que paradoxalmente ainda engatinha nas revistas acadêmicas e nos universos da pesquisa em arte: a relação entre palavra e imagem.

Esta intensa relação de aproximação e distanciamento faz parte de maneira generosa de um certo imaginário histórico em arte, considerando que se trata de um ponto nevrálgico da construção da lógica estrutural da obra, capaz de promover um vórtex de força epistemológica. O mesmo não é provável se considerarmos as publicações que temos atualmente em Artes Visuais e são produzidas nas universidades brasileiras. Apesar de ser notório o esforço dos editores de estabelecerem o debate sobre a imagem como fonte de pesquisa e referência para outros pesquisadores, o espaço para ensaios visuais ainda é bem pequeno.

Talvez esta dificuldade de compreensão da imagem como um processo de pesquisa, de conhecimento e de desconhecimento se dê inclusive por nossa pouca habilidade e desinteresse em ler tais imagens, trabalhos e obras como elementos importantes de uma narrativa outra que precisa e precisará de um instrumental ao qual não estamos acostumados.

Como citamos um ensaio em Artes Visuais em um artigo científico? Como aproximar um artigo científico de um ensaio visual considerando sua originalidade e relevância para a comunidade? Como um ensaio pode obter destaque nos indexadores que auxiliam nas métricas de qualificação das revistas acadêmicas? Como produzimos um conjunto de imagens que se avizinhem da estruturação do pensamento de um artigo? Como deambular entre estes dois regimes de inscrição de modo a precipitar o acontecimento da pesquisa? Um artista-pesquisador precisa obrigatoriamente produzir uma quantidade considerável de artigos científicos de modo a ter seu tempo fraturado diante da urgência do próprio processo de produção visual em arte? Qual a justa medida da produção poética do artista e a ne-

cessidade sempre urgente de produção escrita? Em que medida as agências de fomento encontram-se preparadas para receber tais proposições?

No último fórum de editores de revistas científicas, realizado em Fortaleza em 2022, a angústia e a dúvida dos editores retornaram diante de tais questões; ou pelo menos de parte delas: como fazer com que tais produções sejam consideradas no Lattes? Mesmo sabendo da urgência de tal demanda, fiquei consideravelmente surpreso pela repetição sem diferença da preocupação. Explico: Em alguns fóruns anteriores, a mesma preocupação sempre aparecia. E neste caso, sofrer antes de produzir a publicação, é inócuo.

Operacionalmente, é possível, como fazemos nesta edição, publicar os metadados necessários e obter o DOI para as informações serem automaticamente consideradas nas coletas das universidades, nos programas e em seus respectivos sistemas. Caso a universidade não ofereça suporte ao DOI, cabe aos editores, caso queiram, já que o trabalho de edição nas revistas acadêmicas é raramente pago, enfrentar um debate maior na macroestrutura, de modo a problematizar a ausência de tal serviço que é, a princípio, fundamental para a democratização das pesquisas.

Embora eu saiba que somos uma universidade situada em uma metrópole e que ainda vivemos um país de atenções e preocupações irregulares, e que exatamente por isso, talvez estejamos em um lugar privilegiado, ainda me causa estranhamento nossa impossibilidade de escavação de uma questão mais ampla e talvez até internacional: a compreensão do ensaio visual, em suas múltiplas formas, como produtor e provocador de múltiplos saberes. Tal escavação só se dará, inicialmente, pelo interesse e ousadia dos editores, pelo aumento da produção dos artistas e por um alargamento na produção nas próprias universidades. Em certo sentido, trata-se de um aumento estratégico da oferta que por sua vez, também precisará de novos editores em novas publicações que ainda não estejam completamente comprometidas com as métricas. Ou caso estejam, que tenham a liberdade política da escolha.

Por certo, um número como este será sempre um coringa, um extra, um além e acima de qualquer coisa, uma aposta em algum futuro próximo. Num espaço virtual-digital da página, onde o drible ainda é possível. Por último, é importante ressaltar que, apesar de termos feito uma chamada especial para este número também especial, a quantidade de material recebido não foi tão generosa assim. Mas estamos apenas começando.